XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

AS PERCEPÇÕES DE JOVENS NEGROS SOBRE AS ATIVIDADES DIÁSPORICAS AFRICANAS EM AMBIENTE ESCOLAR

Marcelo Siqueira de Jesus

RESUMO

O presente artigo tem como principal temática a análise da história de vida de seis jovens negros, estudantes do ensino médio noturno, sujeitos participantes desta pesquisa, residentes na região da baixada fluminense, na cidade de Belford Roxo-RJ. Através da oralidade prestada por eles em entrevista, interpretamos dados da trajetória de vida de cada jovem e demos principal foco à compreensão da sua opinião sobre as representações da cultura brasileira de matriz africana: capoeira, maculelê, jongo, samba, pagode, funk, hip hop, candomblé e umbanda. Para isso, fizemos a utilização metodológica das entrevistas focalizadas e duas concepções: a dialética pela história das teorias racialistas e, as consequências do racismo para o sujeito negro foram abordadas pelos aspectos fenomenológicos. Os autores a quem recorremos são de áreas da educação, da sociologia, da antropologia, da história, da psicologia e da psiquiatria.

Palavras-chave: *Jovens negros, Raça e Relações raciais*

PERCEPTIONS OF YOUNG BLACKS ON THE ACTIVITIES IN AFRICAN DIASPORA SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

This article has thematic analysis of the life story of six young black high school students at night, participants in this study, residents in the region of Baixada Fluminense, in Belford Roxo, RJ. By speaking in an interview given by them, we interpret the data path of life for every child and give primary focus to understand their views on the representations of the culture of African Brazilian Capoeira, maculelê, Jongo, Samba, pagode, funk, hip hop, Candomble and Umbanda. For this we use the methodology of focused interviews and two conceptions: the dialectic in the history of racialist theories, and the consequences of racism for the black guy by the phenomenological aspects have been addressed. Authors who are resort areas of education, sociology, anthropology, history, psychology and psychiatry.

Keywords: *Young blacks, race and race relations*

PERCEPCIONES DE LOS NEGROS JÓVENES SOBRE LAS ACTIVIDADES EN EL ENTORNO ESCOLAR LA DIÁSPORA AFRICANA

RESUMEN

Este artículo tiene el análisis temático de la historia de la vida de seis jóvenes estudiantes de secundaria negro en la noche, los participantes en este estudio, los residentes en la región de Baixada Fluminense, en Belford Roxo, RJ. Al hablar en una entrevista concedida por ellos, interpretamos la ruta de datos de la vida de cada niño y el foco principal para comprender sus puntos de vista sobre las representaciones de la cultura de los afro-brasileño capoeira, maculelé, Jongo, samba, pagode, el funk, el hip hop, el Candomblé y Umbanda. Para ello utilizamos la metodología de entrevistas enfocadas y dos concepciones: la dialéctica de la historia de las teorías racistas, y las consecuencias del racismo para el negro por los aspectos fenomenológicos se han abordado. Los autores que son las zonas de esparcimiento de la educación, la sociología, la antropología, la historia, la psicología y la psiquiatría.

Palabras clave: *relaciones jóvenes negros, la raza y la raza*

Introdução

Este texto pretende apresentar alguns dados coletados e interpretados em pesquisa qualitativa com jovens negros, fruto de dissertação aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFF, no campo de confluência Diversidade, Desigualdade Social e Educação.

Faz-se necessário informar alguns aspectos significantes em nossa investigação. No início de docência na rede pública Estadual de Educação - RJ, em 2004, privilegiamos conteúdos que fossem relevantes para o grupo de alunos, e também ao considerar a diversidade cultural e racial brasileira. Uma das temáticas selecionadas no planejamento anual de curso foi atender a questão racial, e selecionamos os conteúdos da cultura corporal da capoeira e do maculelê.

Como justificativa, por atender à Lei n° 10.639/03, que destina os estabelecimentos escolares a ensinar história e cultura afrobrasileira e africana em seus currículos escolares, e pela presença significativa de estudantes negros na sala de aula.

Realizamos uma avaliação diagnóstica para saber do alunado, quais aspectos são relevantes na Educação Física? O propósito era estabelecer uma relação entre temas da disciplina e o cotidiano dos estudantes, para dar significado aos conteúdos escolares.

Atuamos com turmas do Ensino Médio, no curso noturno, que tem como característica a presença de alunos negros, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres. Na tentativa de fazer com que o leitor tenha conhecimento do contexto da pesquisa, acrescentamos os seguintes dados: a localização desta escola de ensino público da rede estadual é na região da Baixada Fluminense, no município de Belford Roxo - RJ, onde residem os alunos.

Em relação à cultura de matriz africana, o bairro onde a escola está inserida apresenta grande número de centros de umbanda e candomblé. Consequentemente, isso representa, de maneira significativa, a presença de elementos da cultura afrobrasileira. O fato que marca nossa questão de pesquisa foi a rejeição dos alunos negros aos elementos culturais de origem africana, apresentados sob a forma de conteúdos escolares. Tais conteúdos do maculelê e da capoeira, inseridos como elementos curriculares da cultura corporal de movimento pelos parâmetros curriculares e, também atende a Lei n° 10.639/03, mesmo que tal legislação não cite no seu texto o ensino de Educação Física, essa questão relaciona-se a assuntos da diversidade e da diferença.

Na tentativa de compreender as possíveis causas desse ato, alguns alunos estabeleceram na relação entre musicalidade da capoeira e do maculelê aos ritmos e melodias das religiões brasileiras de origem africana, afirmando que estas ferem os seus princípios. Em consequencia desta posição, consideramos que a questão ultrapassou os limites da Educação Física e se insere no âmbito da sociedade, projetando-se no interior da escola, com fortes repercussões nas propostas curriculares que incorporam questões socialmente relevantes.

Tomou-se necessário adotar como referencial epistemológico a construção dialética do racialismo e suas apreciações na sociedade brasileira[1], as categorias que adotamos para análise foi a do racialismo, racismo, eurocentrismo e ideal de branqueamento. Também associado aos aspectos da fenomenologia do negro que resulta naquilo contido na sua subjetiva, os conceitos de Mito negro e Ideal de Ego do negro foram utilizados na tentativa de compreender as percepções dos entrevistados sobre práticas culturais afrobrasileiras.

Na Baixada Fluminense, a presença da população negra é extremamente expressiva. Esta situação nos provocou alguns questionamentos: Como se constituiu a formação desse sujeito concreto? Podemos considerar que esse sujeito negro desconhece, ignora e rejeita algumas práticas de matriz negra? A que tipo de manifestação da cultura de matriz africana esse sujeito é receptivo? Como se apresenta a imagem do sujeito negro, pensada por esse grupo de jovens mulheres e homens entre 16 e 25 anos de idade? Quais os fatores que, em suas trajetórias, contribuíram para construir subjetividades?

Objetivos

- Investigar as possíveis interpretações e significações que os sujeitos pesquisados atribuem aos aspetos culturais brasileiros de matriz africana.
- Averiguar o significado social que os mesmos atribuem à negritude.
- Analisar o contexto cultural dos sujeitos a serem selecionados para a pesquisa, ao longo de suas trajetórias de vida.

Metodologia

Selecionamos seis jovens negros, sendo três homens e três mulheres, com idade entre 16 e 25 anos, para participarem da pesquisa. Sobre religião, cinco entrevistados são evangélicos e apenas uma é católica. Para melhor preservar a identidade dos sujeitos, mencionamos nomes fictícios para transcrever os seus depoimentos.

Considerando os aspectos macrossociais que foram construídos através da história da população negra, que resultou na equivocada hierarquia da humanidade, a partir das características fenotípicas e da cultura dos diferentes grupos humanos, procuramos averiguar a sua influência nas questões identitárias e históricas que afetam os estudantes selecionados para a pesquisa. Sabe-se que os equívocos cometidos sobre os tipos humanos racializaram a humanidade e, não raro, atingem os indivíduos, que, com relativa frequência, admitem tal classificação como verdadeira, por não terem acesso às formas pelas quais as ideias sobre a diversidade humana foram construídas e aos conhecimentos que comprovam a sua inconsistência. Articulam-se, nesta pesquisa, aspectos fenomenológicos que explicam a dinâmica das relações raciais, consideradas na sociedade em geral, projetando-se no interior de subgrupos, atingindo o seu imaginário e interferindo nele, que orienta formas de comportamento de rejeição das próprias origens.

[1] Trata-se dos museus, institutos históricos-geográficos, faculdades de direito e de medicina.

Propusemo-nos a realizar uma investigação, baseando-nos no pensamento de Minayo (2004), ao buscar articular, dialeticamente, as análises das subjetividades dos atores entrevistados, com as bases sócio-históricas dos sistemas político-ideológicos que produziram o racialismo/racismo, evitando absolutizar a autonomia dos indivíduos, em relação à sociedade, na construção de suas subjetividades.

Os dados foram coletados e apresentados através da interpretação da interação dos sujeitos em família, no grupo de amigos, nos relacionamentos afetivos e na escola, os quais interferem na construção das suas subjetividades e comprometem o agir desses sujeitos em sua vida social. A esse respeito, Minayo (2004) faz uso de transcrição da teoria da sociologia compreensiva em Weber e nos diz que: "as realidades sociais são construídas nos significados e através deles só podem ser identificadas na linguagem significativa da interação social. Por isso, a linguagem, as práticas, as coisas e os acontecimentos são inseparáveis" (p.51).

Fizemos uso da entrevista focalizada, como instrumento de coleta de dados, de acordo com a proposta por Gil (1989, p. 116), compreendida como enfoque de tema específico, que, nesse caso, é sobre a história de vida de alunos negros. Investigamos a trajetória desse grupo para compreender, na sua historicidade e no seu imaginário, qual o significado que os sujeitos selecionados atribuem aos elementos culturais de origem africana, presentes na cultura brasileira.

Sobre ser negro

Percebemos, nos comentários dos sujeitos entrevistados, algumas reproduções destacada pelo aspecto fenomenológico do negro e pela dialética da teoria racialista que se apresenta pelo Ideal de Ego negro como consequencia da produção do racialismo no Brasil.

O primeiro aspecto é a cor da pele e a aceitação do ser negro, algo que apenas o entrevistado Vitor não aceita, e isso, de acordo com Freire (apud Sousa, 1983), é um ato de violência contido na subjetividade do negro, que sofre no seu corpo as ações estruturantes da ideologia branca racista. O entrevistado mostra-se disposto a reconhecer a sua negritude, não pelo campo da corporeidade e, sim, pela condição emancipada de solidariedade, sentimento de pertencimento, que transmite a condição de ser negro pelo campo cultural.

> *A cor de minha pele é morena. Sou moreno e Raça significa força de vontade, trabalhar e conseguir tudo que desejar; história e valorização da cultura do negro. Tem também a cor de pele (Vitor).*

O segundo aspecto é que todos os entrevistados apresentaram em seus depoimentos o sentimento de negritude, ancorados nas duas interpretações de Bernard Lecherbonnier (apud Munanga, 1988), conceituadas "como uma sendo mítica e a outra ideológica" (p.50). Entre os sujeitos dessa pesquisa, consideramos que está presente, nas suas falas, a visão mítica, quando pensam na necessidade de o sujeito negro fazer um resgate do seu passado para se confrontar com a realidade produzida pela estrutura social do europeu; e quando propõe que a história do negro seja narrada no ambiente escolar de modo diferente da forma hegemônica como, até então, foi transmitida nos bancos escolares.

> *Jamais alguém me contou uma outra história que não fosse aquela sempre mencionada na escola, acho que numa escola que tem na maioria dos seus alunos aqueles que são negros acho que os professores deveriam contar outra história sobre o negro que não tenha sofrimento e dor (Viviane).*

O terceiro aspecto é a relação biológica em que o conceito de raça está inserido na subjetividade desses jovens. Recorremos às considerações da professora Seyferth (texto mimeografado, sem data), quando diz que o conceito de raça nas ciências sociais não é biológico e sim cultural. Os entrevistados relatam esse sentido biológico para expressarem o que é raça, ao afirmarem que o fenótipo cor da pele é o seu principal mecanismo de reconhecimento. Pensando dessa forma, eles reproduzem o conceito de raça centrado na ideologia de estratificação racial.

> *A cor de minha pele é negra. Raça pra mim é a cor da pele, descendência de sua família, acho que é isso (Pedro).*

O quarto aspecto é sobre a forma e o modelo que são transmitidos sobre a história da população negra brasileira na trajetória escolar desses sujeitos. Acreditamos que o conteúdo apresentado a eles em sala de aula comete alguns equívocos e reproduz um ideal que não faz parte do interesse da cultura negra e, sim, do modelo que pensa a diversidade humana de maneira desigual e excludente. Sobre a maneira como deve ser apresentada a história do negro no currículo escolar brasileiro, atendendo à Lei n° 10.639/03, recorremos ao pensamento de Oliveira (2006), ao orientar que, na elaboração e no preparo de suas aulas, os educadores devem privilegiar, nos conteúdos, a abordagem das questões raciais na sociedade brasileira. Para isso, podem dialogar com a teoria pedagógica progressista, defendida por Snyders (apud Oliveira, 2006); é nessa concepção que a autora acredita ter os elementos necessários para que o professor possa adquirir, em sua docência, uma atuação comprometida com a transformação social e com a eliminação dos atos discriminatórios.

Em cada depoimento, ficou a evidência de que os profissionais de educação, quando transmitiram a história do negro no Brasil, durante a trajetória escolar dos sujeitos entrevistados, cometeram alguns equívocos ao esgotarem os seus dizeres, apenas na narrativa eurocêntrica, ao descreverem a vida nas senzalas e ao exaltar a lei promulgada pela princesa.

Nossa ideia não é culpar os professores que atuaram com esses pares de jovens, ou mesmo dizer que sejam profissionais inconscientes, por reproduzirem conceitos ideológicos racistas. Pensamos que a principal causa está na fragilidade da formação dos professores nos cursos de licenciatura e nas escolas normais superiores, por terem falhas que estão aquém de oferecer uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão, que justifique um modelo igualitário.

Capoeira e maculelê

Consideramos que a opinião dos entrevistados sobre a capoeira é apresentada em dois aspectos: primeiro, pelo reconhecimento dessa atividade como signo da cultura brasileira de matriz africana; segundo, pela ligação com a religiosidade brasileira. Quanto ao primeiro, acreditamos que essa opinião faça parte da definição cultural de negritude, através da representação em que a afirmação do ser negro se dá pela valorização de sua cultura e, quando isso ocorre, torna-se, de acordo com L. V. Thomas (apud Munanga, 1988, p. 53-54), o elemento de uma negritude eterna, que valoriza o passado e a ele retoma para transmitir a aceitação do ser negro.

> *Capoeira é um esporte, bom de luta, e é bem antiga. É uma atividade que ajuda de maneira positiva a desenvolver a mente e o corpo de quem pratica (Pedro).*

O segundo está ligado à herança eurocêntrica e racialista, quando a religiosidade elege o mito negro que desqualifica a cultura de origem africana. Nas entrevistas, isso é destacado quando os sujeitos dão valor negativo à música e aos instrumentos usados tanto na capoeira quanto no candomblé. Esse comentário, inserido no senso comum, representa que os jovens participantes desta pesquisa conhecem superficialmente o conteúdo e o significado dos signos da capoeira e do maculelê. Outra reflexão é a de que o mito negro representa o estigma que esses jovens aceitam, quando mencionam que o místico da religiosidade brasileira negra é algo negado por eles.

> *Acho que a música da capoeira se associa e faz adoração para aquilo feito no candomblé. A música da capoeira e do candomblé faz adoração não para a dança e, sim, para a religião. Pra mim isso tem negatividade (Vitor).*

Sobre a questão da violência, presente na prática da capoeira e do maculelê, citada no depoimento dos entrevistados, consideramos que os seus comentários são generalizados e a presença da violência nas rodas pode ser justificada pela formação dos profissionais que atuam como regentes desses grupos. Alguns mestres e instrutores dessa manifestação cultural não apresentam, em sua prática, o conhecimento e a formação pedagógica necessários para transmitir aos alunos os princípios morais que todos devem seguir para evitar os contatos e os conflitos violentos na sociedade.

> *Acho que há um sentimento de violência na capoeira sim, muita gente usa e pratica capoeira para se defender e arrumar briga por ai. Conseguem respeito pelo uso da violência dos golpes (Monique).*

Jongo, pagode e samba

O conhecimento dos pares de jovens sobre o jongo apresenta desencontros, três deles não se recordam de ter ouvido comentários sobre essa manifestação. Outros três a conhecem e a forma pela qual lhes foi transmitida é diferenciada. Monique o conheceu através de um documentário na televisão; Daniel lembra que foram os amigos do grupo de capoeira escolar que lhe contaram; Pedro assistiu a um jongo num capítulo de novela. Compreendemos que, sobre o jongo, os depoimentos apresentam o sentimento de "negritude voltada ao passado" (L. V. Thomas apud Munanga, 1988, p. 54), quando três entrevistados mostram, de maneira indireta, ser importante para a autoestima que negros conheçam a história do jongo como modelo de valorização da sua própria cultura.

> *É uma dança e conheci através de um documentário na televisão. Já tem um bom tempo. Sei que é uma dança de origem africana, que se realiza em roda (Monique).*

Dentre os jovens entrevistados, acreditamos que o samba e o pagode não são práticas musicais da preferência de Pedro, porque ele é o mais jovem dos pares entrevistados e deve priorizar gêneros musicais que são mais praticados pelas pessoas de sua idade. Agora, comparando o depoimento de Pedro com o dos outros entrevistados, ele oferece a informação sobre violência. Compreendemos que a idade dele deve ser uma das justificativas que podemos considerar e apresentar como interpretação do seu pouco interesse por essas manifestações culturais.

> *Briga em qualquer local que toca qualquer tipo de música tem, acho que o samba e o pagode nunca me despertaram atenção e interesse, mas não sei dizer o porquê disso (Pedro).*

No depoimento de Vitor, consideramos que há influência direta da igreja evangélica, quando aborda as práticas do samba e do pagode. Ele reproduz o comentário do empirismo de que elas são manifestações do mundo. Em relação aos outros entrevistados, não percebemos tal influência, houve casos em que a própria congregação utiliza esses estilos para celebração. No senso comum e na crença evangélica, usa-se esse termo para significar que essas atividades são classificadas como negativas.

> *Porque hoje estou na igreja e não é bom para a imagem de um evangélico frequentar esses locais que tem as coisas do mundo (Vitor).*

Interessa-nos saber o quanto a influência que todos os seis jovens entrevistados sofrem da igreja contribui para reduzir o sentimento de negritude, já que os indícios mostrados até aqui, como: no caso particular de Vitor, que não se aceita negro através da autodeclaração, nos comentários que fazem esses jovens associar, de maneira negativa, a capoeira com a religiosidade pela categoria macumba. Essas ideias são classificadas como representações racistas, com forte apelo à ideologia eurocêntrica e, quando o negro é portador desses comportamentos, isso revela o seu Ideal do Ego branco.

As considerações sobre o depoimento dos entrevistados quanto aos temas jongo, samba e pagode se dão em três aspectos: o primeiro, pelo sentimento de negritude, quando consideram a atividade do samba e do pagode como herança da cultura negra; o segundo, pela discriminação que as entidades religiosas evangélicas emitem sobre essas práticas, ao mencionarem que são *coisas do mundo*, e o terceiro, pela situação das mulheres seminuas, que promovem a imagem estereotipada e erotizada de fetiche sexual durante o carnaval. A respeito dessas duas colocações finais, faremos algumas considerações nos dois próximos textos por terem algumas semelhanças.

> *O negativo está na agitação das pessoas, proporcionada pelas mulheres seminuas, porque é muito apelativo ao sexo, sensualidade e erotismo. As mulheres que se apresentam assim nos desfiles estão sendo desvalorizadas. A imagem dessa mulher está sendo negativa (Monique).*

Funk e *hip hop*

Sobre essas duas manifestações, o *hip hop* recebe melhor aceitação dos pares de jovens entrevistados, comparada ao *funk*, e essa escolha pode ser associada à presença da violência no seu cotidiano, a começar pelo aspecto do papel que a igreja católica e a evangélica fazem incorporar à subjetividade dos sujeitos, de forma generalizada, quando elegem que todo e qualquer aspecto relacionado às manifestações do *funk* e do *hip hop* são negativos.

> *(...) acho que de negativo tem o modo de transmitir a mensagem através da letra. Essas letras trazem coisas que te deixam meio assustado, isso não é bom para a criança. Por exemplo, tem letras que dizem que o traficante pegou alguém e matou de facada, jogou no poço e queimou o corpo. Há outras que falam de maconha e cocaína, e algumas também comentam sobre a morte de jovens envolvidos no tráfico por policiais (Vitor).*

Essa influência da religião possibilita abordar três questões, que destacamos como principais, sobre o que representam essas manifestações para cada um deles. Os aspectos selecionados são: a violência, presente nos bailes e nas letras; a exploração do erotismo através das imagens das mulheres vestidas com roupas que cobrem parcialmente o seu corpo e a ligação que essas manifestações mantêm como signo de negatividade, quando associadas à figura mítica negativa, considerada na religiosidade de origem europeia.

> *Há também o chamado "proibidão", que fala sobre guerra de facção, fala sobre armas, fala sobre o sexo e uso de drogas. Essa música acaba influenciando os jovens a fazerem as coisas que são cantadas na letra dessas músicas (Jéssica).*

Sobre a violência associada à prática do *funk* e do *hip hop*, recorremos às considerações de Zaluar (1997), que escreve sobre a violência na cultura da juventude, através dos estudos no campo da antropologia social urbana. A autora considera algumas semelhanças entre a realidade brasileira e as presentes nos guetos estadunidenses e nos bairros pobres parisienses. Faz a correlação entre violência e juventude, a partir de duas categorias: *galera e quadrilha.* A primeira seria representada pelo sentimento de pertencimento a determinado grupo de bairro, como o caso dos jovens norte-americanos de Chicago e Nova Iorque, e também de jovens da capital francesa, mesmo que esses sujeitos tenham origens étnicas diferenciadas (hispânicos, negros, asiáticos, judeus e árabes). O segundo conceito se vale da expressão ligada ao ato criminoso, que procura interesse no enriquecimento rápido dos seus membros, cujo grupo apresenta como principal característica ter poucos integrantes. Esses dois grupos incorporaram, nas suas estruturas sociais, o protesto, a consternação e a crítica à realidade social excludente.

Alguns grupos juvenis surgiram através da crítica ao modelo de sociedade que lida com o poder e a opressão sobre a diversidade, e, no caso do *funk* e do *hip hop*, também incorporaram essas ideias, no entanto, alguns segmentos dessas manifestações usam, como estratégia de libertação e liberação das suas contestações reprimidas, citações ao consumo e à produção de entorpecentes nas letras e nas músicas.

A principal crítica feita pela sociedade civil a essas manifestações é que se passou a associar o narcotráfico com os bailes, e isso reproduz, no senso comum, o sentimento universalista de que todas essas práticas culturais contêm violência e exploração do consumo de drogas. A autora cita que, no Brasil, o que promoveu o surgimento dessas ideias foi a "fragmentação das organizações vicinais e familiares que facilitou o domínio do grupo de traficantes no poder local e acentuou o isolamento, a atomização e o individualismo" (Ibidem, p. 41).

Julgamos que a presença de palavras classificadas como negativas e nocivas à formação do sujeito moral, que estão nas músicas tocadas nos bailes *funk* e *hip hop* e são representações simbólicas, correspondem aos valores do *ethos*, destacados por Zaluar (1997): o "*ethos de masculinidade*" representa a escala de conquistas que a vida criminal oferece ao jovem, em curto período, e pela condição de líder que o jovem pobre ambiciona. O "*ethos da virilidade"* vincula o uso do simbólico, quando se está de posse de uma arma, e pela noção de individualidade, ao se imaginar que o líder do grupo é um sujeito livre e autônomo.

Sobre o aspecto das mulheres vestidas com roupas curtas, que cobrem parcialmente o seu corpo, dois jovens citam o exemplo da mulher negra no *hip hop*. Para melhor compreensão do que eles mencionaram, buscamos auxílio nas interpretações de Frantz Fanon (1983), que distingue a figura da mulher negra e a da mulata, "a primeira só tem uma perspectiva e uma preocupação: embranquecer; a segunda não somente quer embranquecer, mas evitar regredir a sua cor de pele" (p. 47). A partir da

descrição do autor, consideramos que a representação do corpo feminino, negro ou mulato, pode significar o desejo do ideal a ser alcançado, e, quando nossos entrevistados comentam sobre a imagem da negra ou da mulata em rodas de samba, em desfiles de carnaval, nos bailes *funk* e *hip hop*, vestidas com roupas impróprias e vulgares, isso representa a autoexposição do seu corpo, comportamento que atende a um duplo interesse: o primeiro significa o desejo representado pelo fetiche sexual que o homem branco tem por ela; o segundo sustenta o próprio desejo dela em embranquecer, por se estar apresentando, sonhando com a possibilidade de se relacionar com um branco, consciente de que embranquecerá a prole que virá como resultado desse relacionamento.

> *Pra mim isso é negativo, porque a mulher fica se expondo muito seu corpo para pouca coisa. As garotas mais novas se influenciam nessas mulheres para se vestir. Por exemplo, o caso da mulher melancia, ela pousou duas vezes para a revista nua. A principal mensagem que elas passam para as garotas é de vestir-se daquele jeito com short pequeno e pouca roupa, isso é muito negativo (Pedro).*

A acreditamos que as instituições religiosas frequentadas pelos entrevistas cometem o erro de transmitir aos seus membros, principalmente aos jovens, a informação de que todas as manifestações ligadas ao *funk* e ao *hip hop* são eventos que oferecem perigo e não condizem com a vida do seguidor de suas doutrinas. Elas ignoram que essas práticas culturais surgem da necessidade de expressão e pertencimento, que grupos marginalizados na sociedade promovem e dão significância e valorização a sua própria existência.

Quando os jovens entrevistados reproduzem o comentário do senso comum de que o *funk* e o *hip hop* são práticas do mundo e negativas à vida do evangélico, isso representa que, na subjetividade do sujeito negro, o mito que incorpora essas ideias está centrado no racismo, destinado a desqualificar a cultura negra. As igrejas católicas e evangélicas veem essas manifestações culturais a partir das figuras míticas, representadas nos seus cultos como estigma.

> *Eles falam que isso não é coisa de Deus, isso não é coisa de cristão ficar vendo. Hoje o funk canta sobre tiros e sobre mulheres fazendo sexo, e isso não presta. Isso é coisa do maligno, daquele que só traz coisa ruim. Isso está ligado ao Diabo e são coisas do mundo (Vitor).*

Candomblé e umbanda

Em todos os depoimentos dos entrevistados relacionados ao candomblé e à umbanda, há menções aos rituais presentes nessas práticas religiosas e observou-se que desconhecem o seu significado e recebem influência direta das igrejas dos católicos e evangélicos que seguem para formar juízo de valor sobre essas manifestações culturais.

Pensando no desconhecimento presente no senso comum dos dogmas do candomblé, recorremos à informação de Theodoro (1996), relacionada a princípios nos quais a religião de matriz africana se baseia. A autora escreve que elas se concentram em "concepções filosóficas, estéticas, alimentares, musicais e de dança, relacionadas aos mitos, lendas e refrões" (p. 63).

Um dos fatos negativos apresentados pelos sujeitos entrevistados, ao relacionarem o candomblé e a umbanda, foi a incorporação dos espíritos e das cantigas como formas não aceitas pelos praticantes da religião de origem europeia. A autora esclarece que, na religião negra, há necessidade de os orixás serem

invocados através dos cantos e do som, para conduzirem a ação que promove a fé (*axé*). A forma de invocação das entidades se faz através de transe individual do praticante do culto, nisso há uma ligação desse praticante com os "antepassados da humanidade, da nação de origem, do terreiro ou de sua família" (Ibidem, p. 63).

> *Bom, acho que são negativos porque através da dança e da música há pessoas pegando santo. Inclusive é parecido com capoeira (Viviane)".*
>
> *(...) elas são parecidas com as da capoeira... aquelas músicas e as batidas são negativas. (...) elas servem para baixar os santos (Vitor).*

Esses rituais ligam os praticantes aos orixás, que são as entidades superiores na crença cultural negra e os governantes de todas as substâncias da natureza, através da dimensão cósmica. Sobre os termos, nas chamadas *comunidades-terreiro*[2], há a concentração do saber e do poder religioso, que renasce a cada rito, nele há uma linguagem própria de comunicação dos valores estéticos e éticos que constituem "conteúdos de saber ou não saber que caracterizam o *ethos* que estrutura a identidade histórica e social do negro no Brasil" (Ibidem, p. 66).

> *Acho a adoração aos deuses e os sacrifícios de animais algo de negativo. Isso é coisa do Diabo (Monique).*

Theodoro (1996) esclarece que cada ritual é um símbolo das relações entre o ser humano e os orixás, e é fundamental na luta, para que o pertencimento de cada membro nessa religião seja considerado como parceiro e, também, e de dar sequência à cultura negra, inserindo o sentimento de solidariedade e a ancestralidade que liga os princípios da negritude.

> *(...) amigos me disseram que, na hora dos rituais de magia, as pessoas recebem certos tipos de espíritos, entendeu? Como eles incorporam e o porquê de fazer isso não sei dizer. Tem também o sacrifício de animais que são oferecidos aos santos e o sangue dessas criaturas é consumido pelos praticantes. Além da mesa com frutas e comidas (Jéssica).*

O corpo é o espaço de representações simbólicas; na religiosidade, ele é instrumento que ressignifica rituais e dogmas. Na cultura negra a matéria corporal é vista da mesma forma que na religião europeia, no molde de um barro retirado da lama. Nos mitos europeus, o homem nasceu do barro e, ao morrer, retornará para ele. Na visão mítica africana, o corpo veio da lama e serviu para a criação do homem e, após o seu falecimento, a matéria-prima retorna à sua origem.

Foi mencionada pelos sujeitos entrevistados a presença da magia como sinônimo de prática negativa, realizada pelos seguidores do candomblé. Esse esclarecimento do autor, acima citado, justifica o uso das plantas na forma curativa, e muitas ervas, utilizadas nos rituais, são aproveitadas no uso

[2] São os espaços que limitam e distinguem a tradição cultural negra da tradição cultural branca e estabelecem, segundo Luz (apud Theodoro, 1996), o intercâmbio do *ethos* do *egbé* e a sociedade hegemônica. Esse limite caracteriza o espaço de poder de cada um dos contextos sociais (p.65).

terapêutico e na intervenção medicamentosa, confirmadas a sua eficácia e a sua eficiência pelo campo científico farmacológico.

> *(...) tipo de magia, assim quando eu não gosto de uma pessoa, ai eu quero fazer algo para ela não ser feliz, que perca o emprego, que não alcance o desejado, coisas assim. Muitas vezes, vemos acontecer isso na realidade (Jéssica).*

As formas de representação realizadas nas *comunidades-terreiros* são as de cultuar os orixás associados a forças da natureza e de reverenciar os ancestrais chefes ou líderes do clã a que pertencem, pelo destaque que tiveram durante a sua vida, ao realizarem atos que são considerados excepcionais. Essa forma de celebrar a ancestralidade também é realizada na religião europeia, através da bíblia e da historicidade escrita pelos feitos de figuras, como Abraão, Moisés, Noé e Jesus, homens que carregam um valor positivo por causa das suas realizações, enquanto estiveram nesse mundo, e tiveram suas "estórias" transmitidas pela oralidade.

Nossa intenção não foi esgotar as ideias e os conteúdos que tentaram esclarecer alguns aspectos da religião do candomblé, apenas mostramos algumas justificativas que acreditamos não terem sido apresentadas aos entrevistados, como forma de representação e significado dos rituais presentes nesses cultos. Também não foi nossa ideia realizar comparações entre elas, nem emitir classificações das religiões brasileiras de origem europeia e africana. Pensamos mostrar a existência de algumas semelhanças entre os signos praticados por elas e representados pelas figuras míticas, pelos valores morais e pela estrutura social.

> *"Eles falam que isso não é bom e nem legal, porque vem do Diabo, isso é realmente algo que se dá macumba. Se estivessem próximos de Deus, deixariam tudo aquilo que fazem de lado. Às vezes eles usam palavras que podem ser entendidas como ofensas sobre o tipo de religião que difere da nossa igreja, mas isso, na verdade, é a forma de tentar melhor transmitir os ensinamentos da nossa religião (Daniel)".*

> *"(...) a minha pastora veio dessa religião, do candomblé. Ela fala que as pessoas usam essa religião do mundo para fazer maldades e perturbar a vida de outra pessoa. Ela é negra, assim como eu (Jéssica)".*

Considerações Finais

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa apresentam interesse e sentimento de pertencimento cultural e histórico da população negra do Brasil, através da ancestralidade e da solidariedade a todos os negros. No entanto, isso não foi capaz de livrá-los do processo de assimilação cultural, que a religião de matriz europeia introjeta na subjetividade deles.

Para interpretar esse fato, fizemos uso dos aspectos da fenomenologia que, através da abordagem psicológica e psiquiátrica, revelam sensações e vicissitudes com que o processo de estigma faz comprometer a vida social do sujeito negro. A principal consequência das desigualdades raciais para o negro é percebida pela violência simbólica de valor, quando neles há o desejo de serem algo que não corresponde à sua corporeidade. Interpretamos que todos os seis entrevistados apresentam o *Ideal do Ego branco* e o *Mito negro*, principalmente quando mencionam que atividades culturais, como capoeira, *funk* e candomblé, são práticas negativas, traduzidas em negação por discriminarem os seus signos.

O Ideal do Ego branco dos três pares de jovens também foi representado nas entrevistas, através da assimilação da cultura do branco, quando transmitiram informações sobre aspectos do fenótipo e dos hábitos da cultura religiosa, aceitos por eles. Uma forma de negação da cultura negra se dá pelo mito negro e isso foi visto quando os entrevistados fizeram apreciações negativas a signos, como música da capoeira e do candomblé, trabalhos e rituais do candomblé, música e dança do *funk* e do *hip hop*, por estimularem o erotismo, o tráfico de drogas e a imagem da mulher negra no samba e no pagode.

A assimilação cultural dos pares de jovens foi transmitida primeiro pelo grupo social familiar. Eles apresentam o sentimento de pertencimento à sua família e informam a origem dos parentescos, fazendo também menções a alguns fatos significantes de sua vida.

Em relação a aceitação do fenótipo cor preta na pele, como reconhecimento de ser negro, apenas Vítor não se aceita, ao dizer que sua cor de pele é morena. Consideramos que esse comportamento do narcisismo é a manifestação do seu Ideal do Ego branco, e essa tomada de posição reproduz o embranquecimento do negro, que Fanon (1983), Freire (apud Souza, 1983) e Souza (1983) comentam sobre a atitude do sujeito negro de assumir algo que não condiz com a sua cultura e nem mesmo com a natureza do seu corpo negro.

Compreendemos que a influência do meio religioso católico e evangélico é que produz nesses jovens algo negativo sobre as práticas culturais do negro. Isso pode ser considerado porque eles são orientados nessas religiões a considerar e a eleger os aspectos negativos das atividades culturais de matriz africana. Eles apenas dão significância à representatividade da doutrina religiosa europeia e mantêm alienação, por não analisar todas as formas relacionadas a essas manifestações culturais, que compreendem o valor que possuem para a cultura brasileira.

Elegemos, como principal signo da problemática religiosa na pesquisa, a atribuição de valor negativo no empirismo, dada à categoria *macumba*. Nenhum dos sujeitos entrevistados citou características positivas dessa atividade e suas práticas ou rituais são relacionados com o símbolo de negatividade da cultura brasileira de matriz africana.

Os sujeitos demonstraram, nas entrevistas, terem uma ligação com os seus ancestrais, através das lembranças dos fatos familiares, e nossa interpretação é que isso significa uma possibilidade de potencializarmos na subjetividade de sujeitos negros o sentimento emancipatório da *ideologia do axé*, conceituada pela autora Helena Theodoro (1996), como conjunto de práticas voltadas a valorizar a cultura negra.

Todos os pares de jovens e seus familiares fazem parte de comunidades urbanas que seguem condutas e interesses com bases eurocêntricas. A religião e o modo cultural são as principais formas representadas nesta pesquisa, o que aumenta o distanciamento e a não similaridade ou singularidade étnica entre eles, o próprio fenótipo contribui para essa afirmação e a pluralidade cultural é o ponto significativo que elegemos nesse grupo.

Consideramos que, para a implementação da Lei n° 10.639/03, nos currículos escolares, além da barreira ideológica e material das escolas, é preciso dissociar religiosidade e componente curricular escolar. Nossa reflexão, após ouvirmos as percepções dos seis jovens entrevistados sobre as manifestações culturais brasileiras de matriz africana, é que tais atividades escolares com esse enfoque são consideradas negativas, por causa da proximidade simbólica que têm com os rituais religiosos do candomblé.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 9-13 e 693-713.
DAOLIO, Jocimar. *Educação Física e o conceito de Cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.
FANON, Frantz. *Pele Negra máscaras brancas*. Tradução de Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
FERNANDES, Florestan**.** *A integração do negro na sociedade de classe*. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1978.
GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 1989, p. 113-122.
GUIMARÃES, Maria Eloísa. *Escola, Galeras e Narcotráfico*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.
HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidades e Mediações Culturais (Organização Liv Sovik). Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 50-70.
MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.
OLIVEIRA, Iolanda de. A formação dos profissionais da educação para a diversidade étnico-racial. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Lea Pinheiro (Orgs.). *Educação: diferenças e desigualdades*. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 127-160.
SAVIANNI, Dermeval. *A nova lei da Educação* – LDB trajetórias, limites e perspectivas. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade*: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
SEYFERTH, Giralda. O conceito de raça e as Ciências Sociais. Texto Mimeo (Sem data).
SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976, p. 71-224.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças cientistas*, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 70-225.
THEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade*: mulheres negras. Prefácio de Agenor Miranda Rocha; apresentação de Sérgio Cabral. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1996, p. 58-116.
THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 367-378.
TODOROV, Tzveten. *Nós e os Outros*: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 20-150.
ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (Org.). *Galeras cariocas*; territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997, p. 17-58

Endereço Postal: Rua Raja Gabaglia n°19 ap. 401 Grajaú Rio de Janeiro - RJ
CEP. 20540-280
Endereço eletrônico: marcelosjesus1975@hotmail.com
Material para apresentação: datashow

Marcelo Siqueira de Jesus
Doutorando em Educação – UFF